

Grêmio Politécnico

francisco antonio pinto éboli - presidente
marcio prieto - vice- presidente

Departamento de Imprensa

alexandre yudenitch - diretor

Poli-Campus

antonio taliberti jr - diretor
pedro wongtschowski - diretor

Colaboram neste número

adolfo soifer
alceu pereira castilho
equipe febeapó
howard chui
jimmy schwartz
maurizio furnari
nebel villaça scaglione
pedro wongtschowski
rudolf mayer-singule
sabino vieira de freitas neto

EDITORIAL

Em tôdas as partes do mundo, os jovens se ressentem de melhores condições para seu povo e de melhores estruturas para sua pátria. Conscientes de sua realidade ambiental, buscam modificá-la.

Somos geralmente incompreendidos pelas classes dominantes, que reprimem com violência nossas manifestações espontâneas. Isto nos congrega e nos objetiva para uma luta.

Nesta luta, quanto maior a repressão, maior a unidade. Porque a repressão é sempre condenável. Porque reivindicações não se negam a cacetadas.

O assassinato de um estudante na Guanabara, uniu os universitários como um só corpo, como uma só voz, contra a violência. O universitário não quer a violência. Suas lutas são consequência de posições meditadas, orientadas para um diálogo franco e honesto.

Por isso os universitários se unem quando não lhes aceitam os argumentos, sem contra êles se antepôr argumentos. Por isso êles aceitam como suas lideranças aquelas que sabem se conduzir com a dignidade - de homens esclarecidos, porta-vozes fiéis do pensamento comum.

Infelizmente é raro, nos dias de hoje, o diálogo entre os estudantes e a classe dirigente. Até há poucos dias eram os universitários as vítimas da agressão, eram as vítimas daqueles que não queriam o diálogo e a êle antepunham a violência.

Agora, porém, há alguns entre êles que querem tomar o mesmo tipo de atitudes. E começaram no 1º de maio. A pretêxto de uma união com os trabalhadores mancharam seu nome de universitários cortando pela raiz uma pequena possibilidade de diálogo que estava surgindo. Aquêles que, na - Praça da Sé, como argumentos contra as autoridades presentes, usaram de paus e pedras, só podem merecer o mais violento repúdio. Porque nada representam, senão o primarismo de suas posições pessoais.

Saibam êles que os universitários não vão descer a êste tipo de diálogo. Sua responsabilidade é grande demais perante a sociedade. Saibam êles que nada representam. Que a maioria universitária há de se afirmar mediante a construtiva contribuição para a transformação do país numa sociedade mais humana e mais justa.

Reflexões em torno da crise

"Marat qual a relação de tudo isto se uns estão sempre danando os outros, Marat tem que ser assim sempre alguém lá em cima fingindo dirigir ou fazer alguma coisa e com isto perde a cabeça".

(de "Marat-Sade")

Várias considerações podem ser feitas a partir da observação dos fatos que abalaram uma semana da vida nacional.

A primeira é sobre o governo que tenta dirigir a nação: uma curiosa mistura de militarismo, tecnocracia e incapacidade. Militarista no espírito e na maneira de agir; tecnocrata na economia, nas finanças, e talvez nos transportes; incapaz na educação e na política. Neste último campo, o político, o governo simplesmente não existe; ou o que é pior, às vezes faz que existe, acabando com a existência de algo que nunca existiu: a Frente Ampla.

O que a movimentação estudantil deixou patente, além disso, foi a falta de organização e autoridade do governo. Ordens e contra-ordens (Reprime! Não reprime! Reprime! Não Reprime!) afirmações e desmentidos (ato sim, ... mas sem sítio) se entrecruzavam entre o povo confuso e cada vez mais descrente da existência de um governo.

Ainda mais, o que se verificou claramente foi a fraqueza, tibieza e omissão do Ministério da Educação. - Seu titular, a passear pelo sul em cam

panha eleitoral, procedendo a inaugurações em presidencial companhia, afirmou, enfático, que aquilo "era caso de polícia". "Estudante só é estudante na escola"- completou. Enfim um governo com a autoridade tão dividida que nem mesmo o super-ministro manda muito não pode mesmo ter linha coerente de ação, num setor tão delicado como o educacional.

Mas o mais importante, dentro deste panorama desolador, foi o que se observou no meio universitário. No início uma rápida e feroz disputa pela liderança do "Protesto!"; depois, quando esta estava decidida, uma divergência completa quanto a objetivos a serem atingidos.

As várias opções que se apresentavam eram:

-condenar o movimento nacional de protesto, alegando que "ele seria fatalmente deturpado". Esta visão, antes de tudo covarde e comodista, equivaleria e entregar o movimento a uma minoria extremada que dele se serviria em nome dos universitários. É o mesmo que matar o doente a tiros, com medo que ele possa morrer naturalmente, esquecendo-se de que talvez se consiga salvá-lo

- utilizar a morte do jovem para en-
se como estopim de agitações que a
meçassem a própria estabilidade do
governo, e que provocassem uma defi-
nitiva radicalização da situação.
Nesta nova conjuntura, provavelmen-
te, seria bem mais fácil mobilizar
a opinião pública contra o regime,
"que é afinal o que se quer derru-
bar".

- protestar contra o assassinato de
um estudante e aproveitar a mobili-
zação da opinião universitária para
o estudo e discussão de seus proble-
mas. Partir-se-ia então para uma lu-
ta pelo apoio da opinião pública vi-
sando a resolução ou análise séria
dêstes verdadeiros entraves ao de-
senvolvimento.

Parece-nos que êste último
caminho é o mais apropriado à situa-
ção, já que é perfeitamente legíti-
mo se aproveitar conscientemente do
estado emocional dos estudantes pa-
ra lhes mostrar pelo que o jovem mor-
reu, e o que nós podemos fazer para
que outros não venham a morrer assim
no futuro.

Em São Paulo seguiu-se em
parte êste caminho e verificou-se
que as lideranças radicais e divi-
sionistas perdem cada vez mais terre-
no entre os universitários. É que -
há dois futuros possíveis para as
lideranças universitárias. O primei-
ro, a que chamaremos artificial, es-
tá destinado àquelas que a conquista-
ram defendendo interesseiramente -
certos princípios com que, a rigor,
não comungam; e depois de elevados

a postos de destaque, mostram sua
verdadeira intenção: a de utiliza-
rem os universitários como massa -
de manobra para reivindicações que
não só são universitárias (o que
é necessariamente mal) mas são prin-
cipalmente antiuniversitárias, no
sentido de divergirem da opinião da
maioria estudantil. O segundo futu-
ro possível, o legítimo, ficará com
as que tiverem sempre consciência
das limitações de suas lideranças,
e ao se manterem em permanente con-
tato com as bases universitárias,
souberem sempre interpretar-lhes -
com propriedade a opinião e o pen-
samento.

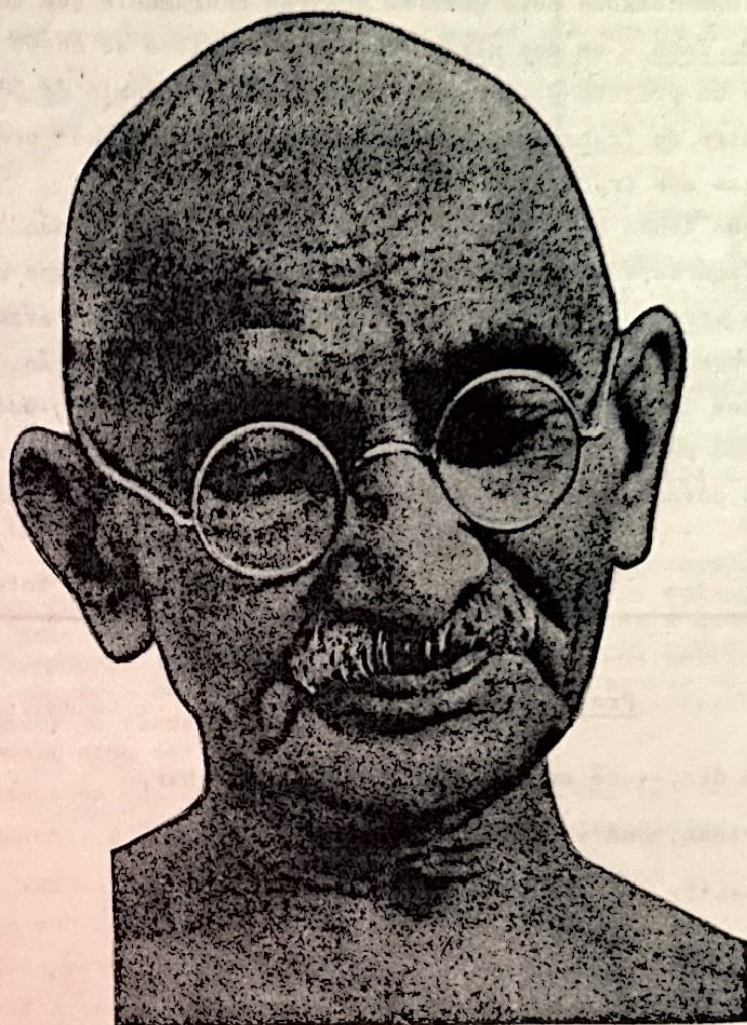
E a ojeriza que os univer-
sitários começam a ter pela lideran-
ça artificial indica que só aceita-
ção, a partir de agora, a lideran-
ça legítima e baseada na razão; e
nenhuma outra. E isto é um dos sal-
dos positivos que nos restam nesta
luta, que ainda não acabou: a luta
por uma nova visão brasileira da e-
ducação e da universidade. E esta
luta depende de nós mesmos, ela se-
rá bem sucedida na medida em que
todos nos empenhemos nela.

Devemos agir como se pudesse
ser aplicado agora, a cada um de -
nós universitários, a frase que em
situação tão análoga, Shakespeare,
criou para Hamlet:

... que destrambelhados
Andam os tempos: ó maldita vexação
Ser eu quem tenha de lhes pôr arru-
mação.

(Hamlet, 1.5)

Pedro Wongtschowski



(Gandhi, 1869 - 1948)

**“A verdade é dura como o diamante
e frágil como a flor do pessegueiro...”**

Quando Mohandas Karamchand Gandhi foi assassinado, a 30 de janeiro de 1948, a humanidade perdeu um dos seus maiores líderes e ganhou nova fonte de inspiração para as suas lutas. Raramente na marcha acidentada da civilização, emergem do seio do povo figuras tão extraordinárias como a de Gandhi. Ele transcende dos limites do seu país de origem, a Índia, para transformar-se no patrimônio moral de todas as nações. “A luz que se apagou na terra” é agora um astro de primeira grandeza na constelação dos grandes vultos que iluminam a História.

Ao se inclinar, reverente, diante daquele que fez da não-violência a força que libertou sua pátria, quer o “POLI-CAMPUS” manifestar seu respeito pelas idéias de humildade, perdão e tolerância que alcançaram, na pregação serena do Mahatma, a altura de Verdades Imutáveis.

A luta pela liberdade exige responsabilidade.

Tôdas as medidas tomadas pelo govêrno mostram claramente que caminha mos para uma ditadura de fato - um dos últimos desafios feitos ao nosso povo foi o encaminhamento de um projeto de lei, acabando com a autonomia de 58 muni cípios. O próprio Ministro do Trabalho, Jarbas Passarinho, já não se preocupa em disfarçar suas ameaças aos trabalhadores.

O estudante que tenha consciência da sua responsabilidade não pode se omitir.- isto significaria compactuar com a situação atual. Na nossa última assembléia predominou a irresponsabilidade, tanto da parte dos que levantaram a questão da Atlética, como dos que reagiram estúpida mente à provocação. Tôda essa desordem afastou-nos de nossos objetivos de participação e levou-nos a uma omissão total. Ao nos perdermos neste tipo de discursões, só estaremos contribuindo para que o povo desconfie cada vez mais das nossas raríssimas ma nifestações.

Sabino Vieira de Freitas Neto

Pra seu govêrno

Quando, algum dia, você se sentir importante e achar,
Com total certeza, que é melhor de quantos o cercam,
Quando você sentir que, se fôr embora, deixará uma
Lacuna irreparável, faça uma experiência.

Esta experiência, que servirá para abrir-lhe os olhos:
Num balde cheio d'água meta uma das mãos até o pulso e
retire-a logo em seguida. Repare bem no furo que ficou.
Esse furo será a medida exata da falta que você fará,
Se fôr embora...

Você poderá fazer as ondas que quiser, agitar a água em
remoinho, esparramá-la até. Mas quando dela você tirar
a mão, será a mesma de antes do banzé.

A moral da coisa é muito simples:
Faça o mais e melhor que você puder,
Orgulhe-se de ser o que é, mas traga
sempre em mente essa verdade insofismável:
NINGUÉM, NEM MESMO VOCÊ É INDISPENSÁVEL!

Jimmy Schwartz

CPS: uma cinquentona "prá frente"

O POLI-CAMPUS, associando-se às comemorações do cinquentenário da Campanha Paula Souza, deseja cumprimentar e agradecer a todos os que, direta ou indiretamente colaboraram para o êxito deste trabalho de valorização do Homem. É, apesar de sua grandiosidade, apenas uma pequena amostra do que podem fazer os universitários quando se dedicam realmente a promover a verdadeira Revolução Social. Nêste e nos próximos números procuraremos mostrar a Campanha em todos os seus aspectos.

A Campanha Paula Souza de Educação de Adultos, mantida pelo Grêmio Politécnico, comemora este ano seu jubileu de ouro, Iniciada em 1918 por um grupo de politécnicos idealistas (nossa Escola já existia havia 23 anos), a Campanha experimentou nos primeiros anos de sua existência uma extraordinária expansão. De uma só classe instalada nos porões da Escola, onde os próprios politécnicos davam aulas, passou-se em 1948 para dez e hoje são 52 classes em cinco escolas, que funcionam à noite em ginásios estaduais, alfabetizando e dando os princípios fundamentais de vida em sociedade a cêrca de 2500 adultos por ano.

A partir de 1966 a direção da Campanha começou a sentir a necessidade de profundas modificações na sua estrutura. As mudanças foram-se processando aos poucos, culminando no início deste ano com a contratação de uma equipe de orientadoras pedagógicas. A reportagem do POLI-CAMPUS entrevistou essa equipe, composta de estudantes do 2º ano de Pedagogia no Sedes, sendo uma delas (Rosa) já formada. São elas:

Dora Maria Prado

Maria Stella Godoy Moreira Santos

Maysa Novaes Bueno

Nádia Ruiz

Rosa Maria da Silva Corrêa

Pergunta: "Como vocês encontraram a Campanha?"

Nádia "Faltava uma estrutura que possibilitasse um funcionamento dinâmico e a aplicação de métodos modernos de pedagogia. Havia apenas duas orientadoras para as cinco escolas. Elas nos entregaram relatórios de 5 a 6 páginas, mas muito superficiais e, assim, tivemos de iniciar nosso trabalho praticamente do marco zero".

Nádia, que além de fazer parte da equipe de orientação pedagógica, é também professora da escola do Alto de Pinheiros (as demais professoras são formadas no curso normal e contratadas pelo SEA - Serviço de Educação de Adultos da Secretaria da Educação do Estado), fêz cursos de férias sobre o método renovado de ensino para adultos. É ela quem explica a filosofia do método:

"Nossa intenção é formar o homem completo. Já passou a época em que se encarava a educação de adultos como simples alfabetização, deixando aos alunos a tarefa de procurar, depois de aprenderem a ler, aumentar sua cultura por si próprios. Hoje procura-se despertar no aluno a vontade de aprender, valorizando-o no próprio meio em que vive, fazendo-o contar suas experiências diárias para, a partir delas, mostrar-lhe a importância da vida em sociedade e a interdependência entre as diversas profissões."

(continua)

Dora: "Aliás, é interessante notar a heterogeneidade de profissões que se encontra nas classes. Há pedreiros, eletricitas, balconistas, marceneiros, industriários, empregadas domésticas etc. Ao lado desta heterogeneidade profissional, existe uma grande homogeneidade de classe social: são todos da faixa de menor poder aquisitivo. Grande parte dos alunos é constituída de nordestinos, que se destacam pela inteligência e dedicação."

Stella: "Essa disparidade profissional é justamente o que possibilita a maior troca de experiências e a integração dos alunos. Por exemplo, na escola onde eu trabalho (cada uma das orientadoras vai a uma das escolas duas vezes por semana e elas se reúnem na Faculdade também duas vezes por semana), há, numa das classes, um eletricitista e um balconista de bar. A professora chamou cada um deles para dizer para toda a classe o que faz. O eletricitista disse que o seu serviço não permite que ele vá almoçar em casa e que por isso ele come um sanduíche todos os dias no bar onde o outro trabalha. Este, por sua vez, disse que um dia o dono do bar chamou o eletricitista para consertar o frigorífico. Assim ficou demonstrado como um precisa do outro."

Maysa: "Falando de casos curiosos, na minha escola estuda um casal de japoneses. Estão no 2º ano e ele, com 56 anos, sabe ler e escrever em japonês, mas demonstra grande empenho em aprender o português correto. Outro dia a professora escrevera na pedra a palavra 'comum'. Como não sabia o significado, ele foi procurar a palavra no dicionário e encontrou 'Commum', pois era um dicionário antigo. Perguntou então à professora qual era o certo e só se satisfêz com uma explicação detalhada".

Pergunta: "Qual a média de idade dos alunos?"

Rosa: "Nas escolas do centro há mais adultos mesmo, ou seja, pessoas cujas idades variam entre 25 e 30 anos. Nos bairros, a maioria é de adolescentes."

Pergunta: "Qual a aplicação prática do método quando da entrada do aluno e sua posterior adaptação à classe?"

Dora: "A base do método é o diálogo, ou melhor, a conversa em classe, com a participação de todos. Faz-se antes uma pesquisa do meio (o bairro onde se situa a escola), com levantamento de dados sócio-econômicos. Essa pesquisa serve de base para planejarmos o início do nosso trabalho. É nossa intenção instituir uma entrevista individual com cada aluno antes de entrar no primeiro ano."

Stella: "Existe a semana introdutória, de ambientação, onde tudo é feito para desinibir o aluno e fazê-lo dar de si".

O entusiasmo e a dedicação que essas moças nutrem pelo trabalho é contagiante. O amor é a arma mais poderosa nesta luta incansável, que só terminará quando for atingida a meta final: uma sociedade mais humana.

NOSSO MUNDO RACIONAL (RACIONAL?)

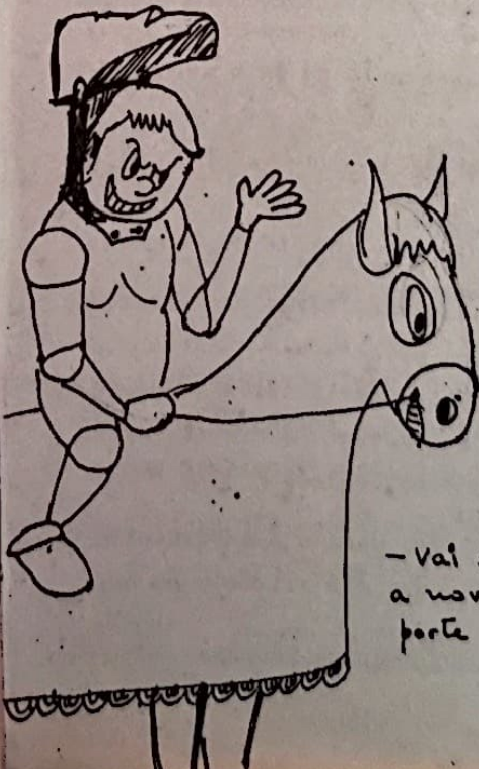


Nebel

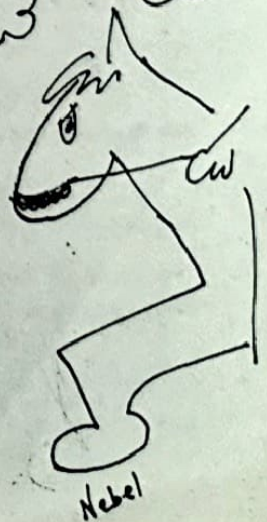
- Vamos esperar a próxima hibernação...



Nebel



- Vai ser um sucesso! Vou lançar a nova moda para traje esporte colegial (Eh! Eh! Eh!)



Nebel

FEBEAPÓ N° 1

Com licença do Lalau, nós que não pertencemos ao clã dos Ponte Preta, mas também temos "sense of rumour" ("rumour" mesmo, não "Humour", é o senso do boato humorístico), resolvemos contar alguns fatos (leia-se boatos) que servem para denegrir o mui respeitado nome da Veneranda. Aí vai o primeiro número do FESTIVAL DA BESTEIRA QUE ASSOLA A POLI.

A recente crise político-militar-religioso-operário-estudantil trouxe várias contribuições a este festival. Tivemos duas sessões de uma Assembléia Geral Extraordinária, que na verdade foram das mais ordinárias. Na primeira delas decidiu-se que a Poli, em sinal de luto, abandonaria a MAPOFEI; na segunda revogou-se essa decisão. Essa indecisão deveu-se provavelmente ao argumento do colega Nunakama:

-Eu sou a favor do saudosismo do esporte, mas só nas horas alegres. Vai ver que ele sente saudades dos jogos infantis. Freud explica isso.

Outro colega, cujo sotaque quase não denuncia sua origem, ao falar de pois de um orador contrário, iniciou com uma observação digna de Rui:

-Eu concordo com tudo o que ele disse, mas é contraditório.

Na segunda sessão havia mais gente, quase 300 politécnicos, que suportaram com resignação (afinal, a alternativa era assistir aula) 4 horas durante as quais certos colegas demonstraram fortes pendores para a agricultura, especialmente para o cultivo da "musa parasidiaca" (vulgarmente chamada banana). Lá pelas tantas, quando certas glândulas dos presentes já estavam em adiantado estado de dilatação, um colega expeliu pela bôca um brado que resumiu tôda uma filosofia de vida.

-Esta assembléia é uma farsa!!!

Conclusão rigorosamente científica, pois na sessão anterior, os 90 presentes eram muito mais representativos...

Esta não aconteceu na Poli, mas é digna de figurar nesta antologia. - Trata-se de um diálogo entre um capitão da PM e um fotógrafo, em frente à Igreja de São José, em Belo Horizonte, enquanto se realizava a missa de sétimo dia de Edson Luís. A notícia foi chupada (no melhor estilo politécnico), do "Jornal da Tarde" de 5 de abril:

Um fotógrafo ia subindo as escadarias, o comandante da PM o segurou pela camisa e disse:

- Não pode passar.

O fotógrafo, então voltou.

- Não pode voltar por aí - ameaçou o capitão.

- Não posso voar, senhor comandante. Explica o que é proibido, onde não devo ir.

- O senhor está detido! Não não está detido. Está totalmente proibido de ficar aqui.

Dois soldados se aproximaram com o cassetete na mão, arregaçando as mangas das camisas. Aí já havia confusão. O comandante deu a ordem:

Sigam este fotógrafo. Sigam todos. Tomem seus filmes, espanquem mesmo se precisar, se eles abusarem.

O fotógrafo perguntou então quais eram os abusos para o comandante das tropas de choque do centro de Belo Horizonte, a fim de que ele avisasse os amigos: 'Assim, não haverá problemas'.

DISCIPLINA 621 - QTV I

Professor Catedrático: eng. dr. Leonardo de Toledo Lêdo

NOTAS DE AULA (sem a responsabilidade da ilustre cátedra)

Caros alunos:

Temos hoje o prazer de iniciar mais um curso de Química - Tensorial e Vetorial - I. Sei de diversas críticas que me são feitas, e, para um melhor relacionamento entre minha pessoa e os senhores e senhorita, desejo esclarecê-las:

-dêsde o primeiro ano que dei este curso, poucas ou nenhuma novidades têm surgido. Assim sendo, é por isso que êle é em linhas gerais, o mesmo de 1914.

Numa escola de Engenharia, visa-se principalmente transmitir a experiência dos problemas vividos na Indústria. Como bem sabem os senhores e senhorita, a exemplo do que acontece com a maioria dos mestres desta colenda casa, jamais coloquei os pés numa indústria. Destarte, nenhuma experiência tenho a lhes transmitir.

-outro ponto digno de menção se refere à distribuição das matérias no currículo dos senhores: a maior parte dos assuntos a serem abordados, já o foram, três ou quatro vezes em diferentes cadeiras. É claro que devemos pecar antes por excesso que por falta, mas, dada a confusão já causada pelos pontos de vista diferentes, conceitos e notações diversas, conclusões às vezes controversas a que os conduziram

os meus colegas, admitirei conhecidos êsses assuntos e passarei, sem mais, a expor as matérias realmente importante para a vida.

Um momento, parece haver uma dúvida? Que me diz a senhorinha? Como me fiz catedrático? Pois não: à custa de sorrisos, alguns artigos muito tacanhos em revistas especializadas, longos anos à cola dos mais importantes, reprovações em massa - para mostrar que eu era durão, uma tese chupada de trabalhos ainda não divulgados em língua portuguesa. Tem sido, desde seus primórdios, norma desta Casa, fazer Escola. Isto é, cada mestre escolhia para sucedê-lo alguém que tivesse as mesmas idéias, raciocinasse na mesma bitola, trilhasse os mesmos caminhos. Um papel carbono, enfim. É claro que êle não devia parecer inteligente, para não haver risco de ofuscar o antecessor. Seguindo essas regras, após alguns anos de preparação, fui candidato único, aprovado com distinção (nota 9,0) e, eis-me catedrático-vitalício.

Mas, passemos aos assuntos sérios:

PONTO I; Estudo do Cachimbo: conceituação do aparelho. Detalhes construtivo

O cachimbo consiste basicamente de um forno de sopro em série com uma coluna de condensação - de voláteis.

O calor de combustão do tabaco é suficientemente alto para assegurar o seu prosseguimento, uma vez iniciado o processo, havendo apenas necessidade de suprimento de oxigênio. Isto é notável, porque vem de encontro aos desejos do fumante, que para fazê-lo tem de aspirar. Outro ponto digno de menção é ser o ponto de inflamação do tabaco baixo o suficiente para podermos inflamá-lo na chama de um fósforo.

Da combustão resulta uma fração volátil e uma fração sólida. Esta, constituída por cinzas e carvão amorfo fica retida na câmara de combustão. A fração volátil é constituída de hidrocarbonetos e alcalóides voláteis, mais água de constituição ou umidade retida (principalmente em climas como o nosso, em que temos teores de umidade relativa de até 98%).

Essa fração volátil é aspirada e encontra em seu caminho um trocador térmico - o filtro - que retira calor e provoca a liquefação dos componentes mais pesados, que ficam retidos junto a ele. Ocasionalmente é fixada ainda alguma partícula sólida arrastada com os voláteis. Essa fração retida é que, devido ao seu cheiro desagradável e mau aspecto, recebe a denominação de sarro.

Isso é mau, porque essa nomenclatura permite confusão com certas práticas que nada têm que ver com a Química Tensorial e Vetorial.

O fluxo restante prossegue, bastante purificado e vai atingir o fumante, onde produz os efeitos-sobejamente conhecidos: azia, má digestão, amarelamento dos dentes, câncer bucal e pulmonar.

O trocador térmico filtro é usualmente uma peça metálica que, por contacto retira calor do fluxo gasoso. Outras concepções são entre tanto encontradas:

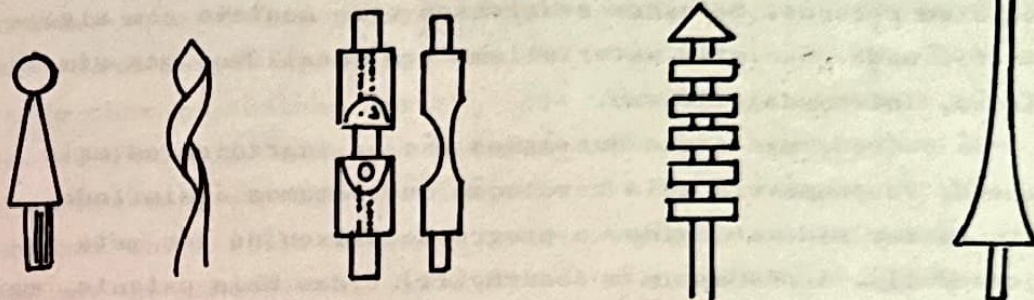
- piteira longa, de modo que durante o percurso dos fumos há tempo suficiente para refrigerar os fumos
- passagem obrigada: através de água fria, como nos narguilés,
- piteira inclinada, suficientemente longa. Os fumos são refrigerados durante o percurso e tendem a descer pelas paredes. Encontram a coluna de fumos que sobem e refrigeram-na, funcionando como um condensador de contra-corrente, com grande eficiência térmica, portanto,
- materiais absorventes interpostos
- filtros de papel usados nos cachimbos de sabugo de milho. A própria espuma dos cachimbos de espuma.
- purgador: uma câmara onde é retido o sarro, a fumaça sendo obrigada a borbulhar através dele.

Os filtros de metal, os mais difundidos entre nós, devem oferecer grande superfície, para favo

recer o contacto com o gás. O metal deve ter grande capacidade térmica, para poder retirar bastante calor,

sem se aquecer muito e não deve reagir com os gases do fumo, formando compostos tóxicos.

Algumas soluções encontradas na indústria podem ser vistas abaixo:



Como já tocou o sinal e não desejo trabalhar de graça, dou a aula por encerrada. Continuaremos na próxima semana. Até lá, meus senhores e senhorita.

Alceu Pereira Castilho

Porque hippies e beatniks

- I) Neste século xx, o Homem viveu e vive em tôdas as dimensões, o romantismo Hegeliano. Quer com Nietzsche ou Marx nas formas mais diversas - comunismo, fascismo, pragmatismo - busca-se no trabalho e no progresso das nações a direção máxima da vida. Tudo se faz nesse sentido, e vemos nações atingindo um nível de vida econômico, jamais observado.
- II) A ciência desenvolveu-se de modo assintótico. E o que descobriu? Einstein enuncia uma nova teoria, e de repente todo um mecanismo ordenado e estável, como o mundo era imaginado por Newton, desmorona. Não mais existe o dualismo entre matéria e energia; tudo corresponde a diversas manifestações da mesma realidade fundamental: energia-substância. Surge a bomba atômica. O Espaço deixa de ser o Éter Cósmico infinito para ser o Campo de Energia. O átomo é a onda de probabilidades. Finalmente o Homem chega ao limite de seus conhecimentos microcósmicos. Pode continuar explorando os mundos que descobriu até agora; adiante não mais. A ciência como metafísica nega-se a si própria, pois o mundo todo pode ser uma ilusão dos nossos sentidos. A busca da verdade terminou. O Homem está diante do Nada, diante do Absurdo! (Note-se que tudo isso pode ser dito e observado com mais precisão através da Análise Linguística).

III) A Ética transmitida pelas gerações anteriores tem primado pela falsidade e incoerência. Exaltação da Liberdade e Guerra. Amor e Guerra. Independência e Opressão, Justiça e Opressão, Paz e Guerra fria, e assim por diante, sem falar dos problemas que se referem aos atos individuais.

IV) Não se pode dizer que um objeto existe, O que se pode dizer é que existe em cada um de nós. Por outro lado só se é alguma coisa quando se está em relação. Se nunca se tivesse tido contato com algo, não se seria nada. Não mais materialismo nem idealismo, mas sim inter-relação, inter subjetivismo.

Há outros, mas creio que esses são os ingredientes mais importantes, responsáveis pela revolução que estamos assistindo. Pelo fato de ter sido atingido, o progresso deixou de ser meta para os jovens (I). Sendo assim o Absurdo(II) ficou mais patente, mas trouxe uma vantagem - a Liberdade. Se tanto a Vida como a Morte são Nada, pode-se escolher livremente entre os dois, e usá-la enquanto se vive para a escolha daquilo que fazer. A Sociedade é incapaz de oferecer algo aos jovens que pensam dessa forma. A marginalização é então inevitável.

Começou mesmo com os Beatles. A primeira coisa a fazer é agredir a Sociedade que não tem lugar para eles. E vieram os cabelos compridos para homens e mulheres; cabelos curtos para homens e mulheres. Roupas doloridas e totalmente diferentes das tradicionais. Saias curtas, barbas, bigodes. O objetivo é mostrar que a aparência não interessa. O argumento exterior que se exhibe é falso. É preciso achar dentro de cada um o seu ser(IV). Isto forçou a comunicação. Quando ela se dá perfeitamente descobre-se o Amor. O Amor que dá aos que escolheram a Vida uma forma de vivê-la ao par da sua que é uma comunicação não individual, mas geral e de outras atividades. A procura nos interiores é então intensa(Porisso o LSD fêz sucesso, facilita a análise interna).

Mas a agressão continuou, e o passo seguinte foi o desvendamento da falsidade moral em que o Homem tem vivido(III). Esse é o passo mais difícil pois o esquema social logo se pôs de alerta e as condenações começaram a chover. Se havia ainda algum liame entre a Sociedade e o novo movimento, esse foi rompido. E se constituem num bloco à parte no Sistema Social Ocidental.

Na Europa são chamados Beatniks. Nos Estados Unidos hippies. Há uma pequena diferença entre ambos. Enquanto os Beatniks apenas agridem, os Hippies procuram modificar o meio em que vivem.

Impor os seus modelos. Por exemplo: love not war.

Portanto o surgimento desses grupos não é tão superficial como parece. Ao contrário. Qualquer previsão é passível de erro. Não se sabe se continuarão sua revolução, ou se o Sistema os assimilará. O fato é que revelaram a necessidade de uma remodelação nesse Sistema.

Adolfo Soifer

Reencontro

Encontrei-me com um amigo na rua. Nós sorrimos como velhos e bons amigos. Ele me perguntou como iam as novidades. E eu respondi que não havia novidades. Em seguida, indagou-me se eu ainda chorava sozinho dentro da noite. Eu disse que sim, que meu pranto era ligeiro e caprichoso. Era como nos velhos tempos. Ele acenou a cabeça e disse que, realmente, nada mudara. Ele também chorava de noite. Como nos velhos tempos. Eu acrescentei que não era como nos velhos tempos. Agora chorávamos sós. E só por acaso a gente se encontrava na rua. Ele sorriu e disse que eu tinha razão. Alguma coisa se modificara.

Eu estava com pressa e dele me despedi afavelmente, não sem antes lhe prometer uma visita, embora ambos soubermos que tal encontro mais prolongado não haveria. Eu segui por uma calçada e ele atravessou a avenida. Senti uma momentânea simpatia por ele, pelos velhos tempos. Senti também que era uma pena saber o tempo perdido. Que cresci demais nos redutos da nostalgia. Seria sofrimento vão a recordação, se não houvesse o consolo de um sorriso remoto. As pequenas coisas comuns, agora, me surgiam como caso de muita

importância. São passagens que se apagam na gente e de vez em quando sobem à tona. Essas súbitas recordações são sublimes e deixam a gente humilde e com vontade de sorrir. Elas parecem tão próximas e tênues a ponto de se apagarem para sempre como uma ameaça insólita caída, gratuitamente, do céu. Havia saudades no meu rosto, pois o senti fiel ao meu riso por haver existido numa época que não esta, por ter conseguido a amizade de alguém.

E todas as vezes que eu o encontrar na rua já sei quais perguntas nos iremos fazer. E não me aborrecerei por causa da repetição. Os rumos já se des cruzaram e não queria acrescentar nada entre nós, algo falso e fútil, que viesse a diluir esses laços delicados. E, além do mais, não é sempre que a gente se vê... Existiu um dia, um sol, e tudo acabou. Seguindo por esta calçada eu fui pensando nos amigos mais chegados de hoje. E como eles serão um dia velhos camaradas, distantes, semi-apagados. Estarei ainda lembrando coisas brandas e reticentes numa hora súbita. E eu direi: Como nos velhos tempos.

HOWARD CHUI

Notícias da Atlético

Realizou-se mais uma MAPOFEI !

A colocação da POLI não fugiu à tradição: um melancólico 3º lugar. - Desculpas, pretextos, teríamos muitos, mas de nada adiantaria enumerá-los. O que nos resta não é somente esperar a próxima, mas muito mais, que para nos organizarmos para a mesma, forme-se uma equipe de um número maior de colaboradores do que a deste ano e de outros passados, uma vez que o trabalho de uma minoria, além de cansativo, não é perfeito. Espera-se também que o politécnico aprenda a ir a uma quadra ou a um estádio ver o seu "time" jogar, colaborando então como torcedor. Quem foi à MAPOFEI viu bem que sempre a menor torcida era a politécnica!

Na MAPOFEI, que teve a Fei como campeã, foram os seguintes os resultados dos jogos da Poli:

Futebol de Salão:	POLI 0 x FEI 1	Basquetebol:	POLI 29 x FEI 39
	POLI 0 x MAUÁ 4		POLI 31 x MAUÁ 39
Beisebol:	POLI 11 x MAUÁ 8	Voleibol:	POLI 2 x MAUÁ 1
	POLI 0 x FEI 7		POLI 1 x FEI 2
Handebol:	POLI 20 x FEI 20	Futebol:	POLI 1 x FEI 4
	POLI 5 x MAUÁ 8		POLI 0 x MAUÁ 3
Natação:	1º Mauá - 2º Fei	Atlétismo:	1º Mauá
	(Poli foi desclassificada)		2º Fei, 3º Poli

EXCURSÃO A SANTA CRUZ DO RIO PARDO

A AAAP realizou uma excursão esportiva para Santa Cruz do Rio Pardo durante a Semana Santa (de 12 a 15). A delegação politécnica foi composta por 34 pessoas e ficou hospedada em 2 hotéis da cidade, com despesas pagas pela Prefeitura Municipal daquela cidade.

As competições foram realizadas contra equipes do Instituto de Educação "Leonidas do Amaral Vieira" (IELAV) daquela cidade, com os seguintes resultados:

Voleibol:	POLI 3 x IELAV 0
Basquete:	POLI 38 x IELAV 54
Natação:	Vitória Politécnica
Futebol de Salão:	POLI 0 x IELAV 3

Como se observa as nossas equipes honraram o nosso nome, colhendo bons resultados.

TUSP - I

Um ensaio de "Os fuzis da Sra. Carrar" de Bert Brecht pelo Teatro dos Universitários de São Paulo

Rudolf Mayer-Singule

Dia 13 de fevereiro de 1968, 20 horas

Local: Salão da casa de Thomas Farcas

Elenco : Bety-Sra. Carrar ; André-José, seu filho; Sérgio-operário, seu irmão; Pedro-ferido ; Maria Alice-Manuela, namorada de Juan, filho da Sra. Carrar; Rudolf-padre; Cida-Sra. Perez. Os demais papéis são preenchidos pelos próprios atores e entram ainda outras mães Carrar interpretadas por Lúcia, Renata, Márcia e Ana Maria.

Direção : Flávio Império

Cenografia : Flávio Império, André e Moacyr

Produção e Preparação de ator : Myrian Muniz

Elaboração das músicas : Dalton De Lucca

Flávio - "Vamos começar. Hoje, a proposta é passarmos as cenas uma após a outra, voltando e refazendo até sair direito e no final passamos a peça corrida. O cenário está improvisado. Somente alguns elementos são definitivos: potes - rêdes. As roupas que estão sendo usadas são improvisadas e aproveitadas de "A Exceção e a Regra" de Brecht, esta peça foi levada pelo TUSP aos Universitários de São Paulo e do Interior e aos sindicatos e associações de bairros, - num total de 30 espetáculos, com auxílio financeiro da Comissão Estadual de Teatro (CET) e direção de Paulo José. Até hoje (13.11) a nossa verba, apesar de há muito prometida, não foi liberada e por isso temos que esperar para dar início à produção. Voltemos ao ensaio.

Bety e André fazem sua cena até "esquentarem". Entra o Sérgio e a ação se desenvolve com certa tensão mas aparentando um ambiente de calma familiar. A Guerra Civil Espanhola está chegando à casa da Sra. Carrar (1937). Entra Maria Alice. A situação se torna cada vez mais tensa. Vem o padre e acalma aparentemente a Sra. Carrar. No entanto, não é capaz de responder ao operário, que diz: "A Sra. Carrar e seus filhos não erguem a mão contra o General Franco. A Sra. Carrar e seus filhos estão portanto em segurança?". Entra a Sra. Perez, conseguindo justamente aquilo que quer. Tentando acalmar a Sra. Carrar consegue perturbá-la ainda mais. E agora, entram pescadores que Paramos por aqui, não querendo estragar o espetáculo. Venham vê-lo. Estas cenas, delimitadas pela entrada e saída dos personagens do palco, são ensaiadas separadamente até apresentarem um dado novo na compreensão do espetáculo, no objetivo da ação, na nitidez da transmissão ao espectador. As cenas são todas montadas em base de imagens visuais nítidas e ritualísticas com que Flávio Império almeja conseguir uma perfeita compreensão por parte de qualquer público:

estudantil, popular e do frequentador habitual de teatro (o de sábado). A peça deverá estreiar ainda durante este mês (março), provavelmente em um teatro de S. Caetano devido à falta de teatros na Capital. Recebemos a nossa verba e a produção está chegando à fase final. Infelizmente tive que me afastar há um mês do Tusp, pois acabei me cansando demais e fiquei doente. Mas pretendo voltar logo. Assim fui substituído pelo Moacyr; Maria Alice foi substituída por Lúcia.

No próximo número vamos expor o trabalho que o TUSP realizou antes de começar a ensaiar com Flávio Império que se encontrava no Rio fazendo a cenografia de Roda Viva, peça de Chico Buarque de Holanda, dirigida por José Celso M. Correa e que alcança grande êxito de crítica e público e que teremos oportunidade de ver em breve em São Paulo.

E agora um comunicado a todos aqueles que gostam de teatro e principalmente aos colegas do 1º ano. Interesse-se por espetáculos universitários. Dê uma olhada no GTP da Escola ou entre em contato com o TUSP, que é o grupo que congrega os alunos da FAU, Filosofia, Sociologia e também de outras Universidades de S.P. e mantém contatos com as Faculdades do Interior e de outros Estados. Sempre são precisos novos elementos para trabalhar como ator, iluminador, sonoplasta ou outra função. Qualquer uma é importante e indispensável para que sejam possíveis os espetáculos. Vá ver os espetáculos do TUCA, TEMA, TESE e dos outros grupos universitários. As entradas variam de NCr\$ 2 a 3 geralmente há desconto para estudantes. Eu conto com a presença dos colegas na nossa estréia aqui em S.P. O espetáculo (cujo texto já está liberado pela Censura) será amplamente divulgado. Informações sobre o TUSP você poderá obter com o colega Sérgio Mindlin (4º Produção - Mecânica) ou comigo (4º Químico - Conjunto das Químicas) segundas e quartas-feiras na Metalurgia. Prestígio e participe do GTP.

COLABORAÇÕES PARA O "POLI-CAMPUS"

O "Poli-Campus" está aberto para os colegas que queiram enviar suas colaborações. Artigos políticos, comentários, crônicas, poesias, material para o FEBEAPÓ, críticas de arte, entrevistas, e outros tipos de artigos devem ser entregues a um dos elementos abaixo indicados:

- | | |
|--------------|---|
| Biênio | - Fernando Rosenthal - 1º - T2 |
| | Frank Correa - 1º - T3 |
| | Luiz Carlos Ghizzi - 1º - T5 |
| | Valdemar Bon Junior - 1º - T8 |
| | Benício José de Souza - 2º Elétrico |
| | Ricardo Baraldi - 2º Mecânico |
| | Claudinei Pinheiro Machado - 2º Civil |
| Eletricidade | - Antonio Taliberti Jr. - 3º Eletrônico |
| | Ossamu Tazitu - 5º Eletrotécnico |
| Mecânica | - Silvio Peccioli de Carvalho - 3º mecânico |
| | Antonio Jacinto Matias - 4º Produção |
| Química - | - Pedro Wongtschowski - 3º Químico |
| Velha-Poli | - Sabino Vieira de Freitas Neto - 3º Civil |
| | Valter Boulos - 4º Civil |
| Metalurgia | - Paulo Ferreira - 4º Metal |
| | Fábio Leal - 3º Minas |